

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO
INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDO E PESQUISA
DO IMAGINÁRIO
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ISSN 1519-6674
ANO XIX
VOLUME 31
(JUL-DEZ)
2019
P.189-207.

OS PRETOS-VELHOS DO MUSEU E LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA ALFREDO MENDONÇA DE SOUZA – MANAUS/AM

Flávia de Oliveira Fernandesⁱ

Mestranda em Ciências Humanas/Interdisciplinar na
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Tatiana de Lima Pedrosa Santosⁱⁱ

Docente do Mestrado em Ciências Humanas/Interdisciplinar na
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

RESUMO

Quando se trata de cultura material é comum fazermos referências e associações subtraídas de escalas datações e tipos de classificações de trabalhos de campo. Os objetos de estudo aqui presentes fazem parte de uma coleção que para além de se manusear objetos estaremos tangenciando questões como: pessoas, memórias e identidades. Sempre no plural, posto que as estatuetas dos pretos-velhos colocam a baila questões que merecem serem desenvolvidas em nosso cotidiano: as representações e seus reflexos em espaços museais. Partimos da abordagem interdisciplinar e qualitativa na análise da cultura material tida como fonte primária e também da bibliografia levantada. O preto-velho e a preta-velha, como os próprios nomes já os identificam, fazem referência aos anciãos negros do passado, escravos e ex-escravos, visualmente as peças produzem um efeito ao referenciar através da sua forma, uma atmosfera da escravidão, conjugando características variadas entre o religioso, o social e o cultural. Esses vestígios recuperados, através de questões que partem do presente, nos remetem de certa maneira a lugares de memória (NORA, 1993), essas memórias que constroem parte de nossas identidades e patrimônios culturais, por isso, a crítica aos objetos e análise aprofundada da

materialidade podem nos aproximar de determinadas realidades através de diferentes olhares.

Palavras-chave: Pretos-Velhos; Cultura Material; Memória; Identidade; Interdisciplinaridade.

THE PRETOS-VELHOS OF THE MUSEUM AND ARCHEOLOGY LABORATORY ALFREDO MENDONÇA DE SOUZA - MANAUS / AM

ABSTRACT

With regard to material culture, we often make references and associations subtracted from scales, dating, and types of fieldwork classifications. The objects of study here are part of a collection that besides handling objects we will be dealing with issues such as: people, memories and identities. Always in the plural, since the statuettes of the *pretos-velhos* raise questions that deserve to be developed in our daily lives: the representations and their reflexes in museum spaces. We start from the interdisciplinary and qualitative approach in the analysis of material culture taken as the primary source and also from the bibliography surveyed. The *preto-velho* and the *preta-velha*, as their names already identify them, refer to the black elders from the past, slaves and former slaves, visually the pieces produce an effect by referencing through their form an atmosphere of slavery, combining varied characteristics among the religious, the social and the cultural. These recovered traces, by means of questions that start from the present, refer us in some way to places of memory (NORA, 1993), these memories build part of our identities and cultural heritage, for this reason the critique of objects and in-depth analysis of materiality can bring us closer to certain realities through different looks.

Keywords: Pretos-Velhos; Material culture; Memory; Identity; Interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

As estatuetas preta-velha e preto-velho foram identificados no ano de 2010, através de um resgate emergencial arqueológico realizado nos Casarões da Sete, localizado na Avenida Sete de Setembro, no bairro Centro da cidade de Manaus, cuja sigla para se referir ao local é AM-MA-13-SECⁱⁱⁱ, com coordenadas UTM S 03°08'03,8" - W 060°01'00,9", tendo como ponto referencial o Centro Cultural Palácio Rio Negro. Atualmente o local, anexado ao Centro Cultural Palácio Rio Negro, funciona como Salão de Eventos Rio Solimões^{iv}.

No período em questão, estes casarões estavam como casas geminadas e parte desse complexo começou a ser demolido para serem realizadas modificações devido às obras do PROSAMIN^v, então a equipe de arqueologia da Secretaria de Cultura do Amazonas (SEC) foi até o local para verificarem objetos de possível interesse para a arqueologia, os quais, essas peças foram identificadas.

Após serem levadas para o Museu e Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza, as peças passaram por um processo de restauração das partes quebradas e foram colocadas em exposição na área de extroversão de materiais históricos, etnográficos e arqueológicos, no entanto, não havia nenhum tipo de identificação do material, levando muitas vezes o público visitante ao desinteresse por

essas peças, apesar de serem únicas com essas características neste local.

O que por sua vez nos fez pensar sobre a atribuição que damos a determinados objetos, qual sua capacidade ou incapacidade de estabelecer vínculos sociais. O que pode ser parte de um circuito museal e o que não entra na esfera de um laço social permanente (SAHLINS, 1979; APPADURAI, 2008; BAUDRILLARD, 2008)

Geralmente esses personagens estão inseridos na temática de cultos de religiões de matrizes africanas, são estudados a partir de diversos pontos de vista disciplinares, mas focando constantemente nessa temática religiosa, porém, buscamos através de análises e da **191** interdisciplinaridade no tratamento da cultura material, ilustrar a diversidade de esferas culturais e sociais que sugestionam também. Sendo assim, nos questionamos principalmente sobre quais são as associações que podem ser feitas através dos dados obtidos do contexto e também do material em si.

O que por sua vez nos leva a mensurar a importância do papel histórico do negro e de sua influência na identidade cultural da região amazônica. Que durante muito tempo foi negada, ou melhor, silenciada na historiografia do Amazonas. (PINHEIRO, 1999; SAMPAIO, 2011)

De fato, é importante trazer de certa forma a memória cultural dos afrodescendentes na região amazônica numa tentativa de recuperar

o papel central que este possui na formação política, econômica e social da região. Os processos de etnogênese e suas percepções são muitas vezes faces históricas, arqueológicas e antropológicas ocultas nas análises e pesquisa que acentuam o papel do negro na Amazônia (GOMES, 2011).

ALÉM DO QUE SE VÊ NOS PRETOS- VELHOS

Os artefatos identificados formam um conjunto bastante interessante, pois, junto com as peças estavam a imagem de uma Santa da Igreja Católica, Nossa Senhora Conceição e um Filtro

Inglês da Fábrica Cheavin's de letra D em um dos compartimentos. Além deste material foram identificados também fragmentos de grés e de vidro, porém não foram coletados. Todas essas peças recolhidas estavam expostas no Museu e Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza (FIGURAS 1 e 2), local que detém a salvaguarda desse material, que está localizado no porão alto do Palacete Provincial no bairro Centro de Manaus. Inicialmente o que chama logo a atenção é o sincretismo evidente, mas pode ser realizada uma série de inferências também quanto a sua produção, circulação de significados, práticas, papel religioso e social.



FIGURA 1. Casal de pretos-velhos e Santa. Foto: Arquivo Pessoal.



FIGURA 2. Filtro Inglês da Fábrica Cheavin's de letra D.
Foto: Arquivo Pessoal.

Um dos trabalhos pioneiros que dá destaque aos negros na Amazônia foi desenvolvido por Vicente Salles, no seu livro publicado em 1971, cujo título é “O Negro no Pará”. No Amazonas, as pesquisas sobre a temática da presença negra ganham força recentemente também, apenas há poucas décadas os campos da historiografia e antropologia voltaram-se para ela (SANTIAGO, 2010; SAMPAIO, 2011), dessa forma, ainda existem muitas lacunas a serem vencidas. É tratado aqui, evidenciar a luz sobre essa memória, tida como fenômeno social e individual, construída, fruto de disputas geralmente questionando a memória oficial, se constituindo também como um elemento para o sentimento de identidade (POLLAK, 1989; POLLAK, 1992), no qual foi

por muito tempo renegada, mas que pode ser desvelada através cultura material.

As estatuetas por não terem datações nos possibilitam enorme variedade de interpretações e contextos, levando sempre em consideração as questões do presente, pois essas peças, hoje, são bastante “atuantes” em diversos grupos, carregando vestígios de um passado e manipuladas de diferentes formas no presente. A partir destas perspectivas reconhecemos estes artefatos como pertencentes aos *lugares de memória* (NORA, 1993) na medida em que:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma

memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. (NORA, 1993, p. 13).

Logo, além de ter um valor concreto, nos remetem também a algo imaterial, os pretos-velhos e as pretas-velhas são representações de figuras de escravos negros vindos da África para o Brasil e também aqueles nascidos em solo brasileiro, sendo sacralizados através de seu culto (DIAS & BAIRRÃO, 2011) trazem consequentemente à tona a memória coletiva da escravidão.

Ao mesmo tempo a figura desses pretos-velhos nos remetem a uma discussão contemporânea relativa à afirmação de identidades étnicas necessárias para se discutir a história da escravidão brasileira. O papel ativo dessas referências, se distanciando da imagem do negro vítima e passiva, vem tomando forma a partir de uma reformulação historiográfica. O que por sua vez nos faz pensar sobre como essas memórias através de objetos tomam espaços em determinados ambientes sociais. O que por sua vez fez refletir uma emancipação na reformulação de sua história política e principalmente a abordagem.

Há certo consenso entre os pesquisadores quanto a algumas características destes personagens, vistos geralmente como espíritos de escravos de origem africana e afro-brasileira, considerados pacientes, tolerantes, humildes, bondosos, resignados e dotados de saberes, são

chamados também de curandeiros, feiticeiros e mandingueiros, realizando todo tipo de tratamento, desde benzeduras até cirurgia. (SANTOS, 1998; DIAS & BAIRRÃO, 2011). Não faremos uma discussão sobre o viés religioso ou dos processos rituais, mas refletir sobre as diversas identidades, as memórias e a apropriação destes objetos, levando em consideração o seu contexto de identificação. Por isso:

Os espaços são, em princípio, definidos a partir das suas funções (áreas residenciais, comerciais, mistas, públicas, cívicas, administrativas, religiosas, aterros, depósitos de lixo, áreas livres, etc.). A compreensão dos processos geradores seletivos e deposicionais dos artefatos, bem como a análise da sua distribuição espacial são determinantes para esta definição. Raramente eles estão dispostos primariamente, na medida em que acompanham toda essa dinâmica, ao mesmo tempo em que dela são um testemunho. Não devem, entretanto, ser desprezados por não estarem mais em seus contextos originais, e sim decifrados com referência à maneira como foram deixados; se corretamente decodificados mantêm-se como uma valiosa fonte de informação [...]. (LIMA, 1988, p.93).

194

Ao serem identificadas as peças estavam em lugares bastante peculiares, no qual se faz também inferências com a imagem da Santa, pois ambos estavam próximos, representando claramente à primeira vista o sincretismo religioso. A Santa se encontrava em um patamar mais elevado, estava em uma prateleira no rol de entrada que dava acesso ao primeiro piso, o preto-velho estava posicionado no chão atrás da porta de entrada e a preta-velha estava encostada

no sopé da escada que dava acesso ao primeiro andar, indicavam provavelmente proteção ao local^{vi}, entretanto, deve-se levar em consideração que estes objetos carregam significações variadas quando apreendidas por diversos grupos, seja em funções coletivas – no interior dos cultos religiosos –, pessoal – atendimento individualizado por médiuns – ou íntimo –

relações cotidianas, desinstitucionalizadas em âmbito doméstico (DIAS, 2011).

Como o próprio nome já os identificam, preto-velho e preta-velha, fazem referência aos anciãos negros do passado, visualmente produzem um efeito ao indicar através da sua forma material e características, uma atmosfera da escravidão (IMAGEM 3).



FIGURA 3. Preto-velho e preta-velha. Foto: Arquivo Pessoal.

Os objetos foram produzidos em cimento com um esqueleto de ferro interno, talvez um arame, que foi tirado posteriormente, nas quebras das peças se pôde observar os pequenos buracos que ficaram impressos, a preta-velha com 35,7

cm e o preto-velho com 35,5 cm, ambos com postura curvada e expressão facial transparecendo certo cansaço, com marcas de chicotes pelos corpos indicativo dos castigos sofridos, ambos com vestimentas brancas cujo

material remete aos sacos de panos em que eram carregados o café e outros produtos, a preta-velha possui um lenço na cabeça e está com os pés descalços, o preto-velho veste apenas uma calça branca, e ambos estão com cachimbos nas bocas, indicativos das peças de arte sacra.

Quanto ao estado de conservação, as duas peças não estavam completas, a preta-velha não possuía o braço direito e a mão esquerda e o preto-velho não possuía os braços, o pé direito e parte da perna esquerda, mas ao que tudo indica também estava descalço. Ela estava sentada ao que parece ser um tronco de madeira e o preto-velho foi identificado apenas na posição como se estivesse sentado, podia estar sentado em um tronco de árvore ou em um banco com um pilão, todos característicos destes artefatos, não haviam nomes gravados em nenhuma dessas duas peças.

Possibilitando uma ponte entre o passado e o presente, sugestionam características variadas entre o social, o cultural e o religioso, fazendo referências diretas à identidade e a uma herança negra.

Estas estatuetas são muito comuns no Brasil em religiões de matrizes africanas, caracterizadas por hibridações, surgiram como resultado do encontro de religiões ou tradições africanas, do espiritismo e do catolicismo. Desta maneira, há diferentes versões de pretas-velhas e pretos-velhos presentes em cultos afro-brasileiros e espiritistas, como no candomblé Ketú, no candomblé de caboclo, na quimbanda, no espiritismo kardecista entre outros, em muitos

casos são utilizados como mediadores nos processos de possessões (SANTOS, 1998; DIAS, 2011).

Por outro lado, este personagem também se faz presente na literatura, folclore, tradição católica popular, entre outros meios, tendo um reconhecimento de determinados públicos. De acordo com Santos (1998) o preto-velho do folclore, elaborado ainda no regime escravocrata, era visto de maneira pejorativa pela sua cor, por ser velho, representava o negro quilombola e bárbaro, já na literatura, as pretas-velhas e os pretos-velhos foram criados para representarem, a mãe carinhosa, cozinheira, submissa e parteira, já eles representavam os feiticeiros e velhos contadores de histórias, levando em consideração **196** que essa construção estava em conformidade com as teorias raciais vigentes da época, já na sua imagem assimilada pela tradição católica popular, houve uma junção do negro caracterizado no folclore e na literatura, em conformidade com as perspectivas católicas populares, ou seja, representavam os negros cristianizados.

Apesar da maioria dos pesquisadores caracterizá-los como pacientes, resignados e submissos, deve-se levar em consideração os atos de rebeldia que conseqüentemente também rodeiam estes personagens, contribuindo para as diversas possibilidades de reinterpretações que os grupos podem contemplar.

Ora a memória do escravo africano na Amazônia ainda é pouco explorada nas pesquisas

sociais. Sabemos muito pouco sobre como inúmeras micro-sociedades africanas ou seus remanescentes perceberam as políticas de colonização, a partir das suas próprias lógicas e culturas, adaptando padrões de assentamento, migração, parentesco, deslocamentos geográficos, práticas fúnebres, etc (GOMES, 2011). O que por sua vez nos faz pensar como essas sociedades influenciam toda uma nova geração que tem refletida através dos pretos-velhos uma identificação cultural e social mantida ao longo dos anos até os dias de hoje.

Ao abordar algumas considerações acerca dos pretos-velhos, surgem questões sobre a própria identidade de tal personagem em conformidade com a identidade de determinada coletividade que os utilizam, por exemplo, as características dadas ao preto-velho em determinado local de culto – institucional ou individual – modelam estes personagens de acordo com suas concepções e representatividade.

Segundo Kathryn Woodward (2005), a identidade é relacional e marcada pela diferença, elas não são opostas, esta autora analisa através da ideia de representação, como um processo cultural, envolvendo elementos psíquicos, sociais, coletivos, simbólicos e materiais.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.

Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2005, p. 17).

Portanto, a cultura material e as suas variadas significações são produzidas e reproduzidas de diferentes formas, são classificados simbolicamente e socialmente, envolvendo também uma associação do indivíduo ou coletividade com determinados objetos ou coisas que usam.

197

Camilla Agostini (2009) realizou diversas pesquisas arqueológicas na região sudeste brasileira tendo como recorte temporal o século XIX e como objetos de estudo os vestígios materiais associados a escravos e ex-escravos, como os cachimbos, pois geralmente eram associados diretamente ao uso cotidiano dos escravos. Expondo os aspectos metodológicos utilizados com o objetivo de tratar das diferentes abordagens que podem ser aplicadas aos diferentes tipos de fontes, a pesquisadora defende o potencial da Arqueologia Histórica, na busca pela manutenção de traços étnicos e as remodelações identitárias. Dentre os diversos tipos de fontes apresentados sobre a utilização dos cachimbos, podem ser citados os processos criminais ou as listagens de comércio, a autora

mostra também que através da iconografia de viajantes naturalistas do século XIX é possível identificar representações de escravos fumando cachimbo (AGOSTINI, 2009), esta associação do escravo com seu cachimbo ultrapassou séculos e hoje constitui uma das características dos personagens pretos-velhos e pretas-velhas.

Considerados como referenciais de identidade e etnicidade, os cachimbos cerâmicos identificados em contextos nos sítios arqueológicos históricos também apresentam decorações (LIMA, 1993; AGOSTINI, 2009), e muitas destas decorações representam as marcas tribais expressas nestes objetos, uma forma encontrada para expressar a identidade. Deste modo concordamos com a posição de que:

Acreditamos que o contexto de uso dos cachimbos, assim como a dispersão e/ou concentração de padrões decorativos a eles relacionados pode ser uma direção para a compreensão de uma estratégia sutil de resistência, que se expressaria através da manutenção de traços étnicos em suportes de uso cotidiano. (AGOSTINI, 1998, p.124).

Assim como as marcas tribais expressas nos cachimbos são representativos das identidades, as marcas nos corpos das estatuetas também o são. Indicando uma associação com o negro cativo e castigado, a cultura material atua como um testemunho e uma possibilidade de produzir novas concepções a partir da percepção de seus traços.

A consideração do conceito de identidade como uma construção coletiva e não estática (TOCCHETTO, 1991; AGOSTINI, 1998), tem

seu apoio no simbolismo da escravidão e na sua representatividade contemporânea para a construção social e cultural destes personagens, estabelecendo um diálogo com a memória.

Tal como apresentado por Pierre Nora (1993), os lugares de memória apresentam três sentidos, o material, o funcional e o simbólico, os quais estão simultaneamente interligados, mostra que o material só é lugar de memória quando investido de uma imaginação simbólica, o funcional quando inserido na categoria de objeto de um ritual, e o simbólico quando dispõe de um recorte material caracterizando uma experiência vivida, as estatuetas não são do período escravocrata, mas são a materialização da memória coletiva a qual está estritamente **198** conectada com este período.

A isto Michael Pollak (1992) fala de uma memória que é herdada, no sentido de que eventos ou acontecimentos fora do tempo-espaço de uma coletividade são socializados politicamente e historicamente, ocasionando um sentimento de identificação deste grupo com determinado passado. Mas também deve-se levar em consideração que esta memória sofre alterações no momento de uma nova articulação, como já foi discutido, estas estatuetas projetam significações variadas dentro dos diversos grupos, alguns os associam à resignação, bondade e submissão outros os associam às lutas, ao negro que fugia para os quilombos que não aceitava a condição imposta.

É muito comum em algumas casas brasileiras a presença do preto-velho ou da preta-velha em quadros, imagens ou *souvenirs*, entretanto, em concomitância com essa aceitação ainda há negação por outro lado carregado de preconceitos sobre tais.

O contexto destas estatuetas, além de seu local atual de guarda é o que foi também descrito em sua identificação nos Casarões da Sete, a temporalidade pautada está nas relações entre o passado e o presente sugeridas e através do contexto arqueológico o qual nos fornecem a ideia de uso cotidiano doméstico e não em um culto institucionalizado. Quanto à espacialidade dos objetos no contexto em que foram identificados, indica uma posição secundária dos personagens frente à imagem da Santa, Nossa Senhora da Conceição, que se encontrava em uma prateleira em evidência, numa posição de destaque e elevada.

Estes objetos perpassam por várias esferas, tanto culturais, quanto sociais, políticas, econômicas, históricas, artísticas e não estão inseridos apenas no campo ritualístico, entretanto, como já foi colocado geralmente são vistos apenas como objetos rituais, carregados de preconceitos por várias pessoas. Apesar do reconhecimento da diversidade cultural na construção da ideia de Brasil, convivemos ao mesmo tempo, com um grande desconhecimento também.

PANORAMA DA CULTURA MATERIAL E IMATERIAL AFRO-BRASILEIRA

As expressões culturais materiais e imateriais afro-brasileiras foram tratadas sob diversas perspectivas ao longo da trajetória do pensamento social brasileiro e de construção da identidade nacional.

Vistos durante muito tempo ainda sob as lentes teóricas raciais europeias, ainda na década de 1930 no momento da institucionalização por meio do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) da política de preservação do patrimônio cultural no Brasil, houve seleção de bens privilegiando especificamente os de “pedra e cal”¹⁹⁹ representativos de uma colonização européia e grande marginalização de outros, como as representações culturais negras e indígenas (LIMA, 2012).

Neste contexto, foi negado o direito à valorização das suas expressões culturais, entretanto devem-se levar em consideração algumas ações realizadas pelo SPHAN como o tombamento em 1938 da Coleção do Museu de Magia Negra pertencente à polícia civil do Rio de Janeiro, formada através da apreensão e repressão policial no início do século XX, no qual, a partir de 1945 essa coleção passa a fazer parte do Museu de Criminologia. Vistos de maneira depreciativa, estes objetos não foram alvo de valorização da cultura negra no Brasil, mas sim uma forma de expor o “exótico”,

destacando que este foi o primeiro tombamento etnográfico inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (CORRÊA, 2005; LIMA, 2012).

Outra ação foi o tombamento em 1984 do terreiro Ilê Axé Iyá Nassô Oká também conhecido como terreiro da Casa Branca do Engenho Velho localizado na Bahia, foi resultado das discussões sobre a democratização da gestão do patrimônio, da ampliação do conjunto de bens tombados e dos movimentos negros de reivindicação da valorização da cultura afro-brasileira, apesar de estar dentro de um contexto diferente do anterior, houve certa relutância por parte do Conselho (LIMA, 2012; NOGUEIRA e NASCIMENTO, 2012).

Ainda em 1986, tivemos o tombamento da Serra da Barriga, em Alagoas, local onde existiu o Quilombo dos Palmares, tendo ampla participação dos movimentos negros e antirracistas (ALLEN, 2011; LIMA, 2012; NOGUEIRA e NASCIMENTO, 2012). Estes dois últimos também inscritos no livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) antigo SPHAN.

Um salto qualitativo foi dado nos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988 no qual considera:

Art. 215. **O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.**

§ 1º - **O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras,** e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º - A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

§ 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:

I **defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;**

II produção, promoção e difusão de bens culturais;

III formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões;

IV **democratização do acesso aos bens de cultura;**

V **valorização da diversidade étnica e regional.**

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, **portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira,** nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º - **O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro,** por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º - Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º - A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º - Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º - Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências

históricas dos antigos quilombos. (Grifo nosso).

Esta Constituição deu as diretrizes necessárias para a criação do Decreto nº 3.551 de 4 de Agosto de 2000 que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial por meio de inventários a serem inscritos no Livro de Registros, que passam a constituir o patrimônio cultural brasileiro e cria o "Programa Nacional do Patrimônio Imaterial" ampliando ainda mais as possibilidades de preservação e reconhecimento de um enorme leque de elementos culturais.

Da sua materialidade à imaterialidade é perceptível a diferença temporal entre as medidas tomadas para a valorização da cultura de uma maneira menos centralizadora, reconhecendo enfim a diversidade e importância das culturas existentes no país.

José Reginaldo Gonçalves (2007) vai colocar que os discursos modernos sobre o patrimônio cultural não se pautam mais em um patrimônio ligado a uma propriedade herdada, mas sim no seu caráter de construção ou invenção, tendo como prerrogativa expressar sua identidade e sua memória, porém estes objetos precisam encontrar “ressonância” junto ao seu público, do contrário haverá rejeição. Esta categoria do patrimônio está ligada ao poder de “evocar” as dimensões culturais mais complexas, possibilitando reflexões, entendimento e reconhecimento. Outro ponto é a sua materialidade, mesmo que o patrimônio esteja na

categoria do “imaterial” ou “intangível”, este autor, vai colocar que o patrimônio é uma categoria ambígua, pois transita entre as duas dimensões, de modo que a materialidade é a substância da vida social e cultural. Por último defende que a subjetividade, está ligada diretamente à noção de patrimônio articulada através da autoconsciência individual e coletiva.

As estatuetas se inserem nestas categorias justamente ao evocar através de sua materialidade a ancestralidade africana, através de relações entre o presente e o passado na busca por uma memória coletiva, ressaltando os interesses variados de suas apreensões.

No Estado do Amazonas, podemos destacar no ano de 2014 o reconhecimento **201** oficial da Comunidade do Barranco de São Benedito, localizado no bairro da Praça 14 de Janeiro, na cidade de Manaus, o segundo quilombo urbano reconhecido no Brasil.

A Festa de São Benedito é uma festividade religiosa da Comunidade do Barranco, realizada anualmente pelos moradores e conta com a participação de pessoas de toda a cidade, sendo passada de geração em geração. O Ministério Público Federal no Amazonas fez uma recomendação ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para que a Festa de São Benedito fosse reconhecida como patrimônio cultural brasileiro (PONTES, 2016).

O Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito é também considerado como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do

Amazonas, por meio da Lei Estadual N.º 4.201, de 23 de julho de 2015, esse reconhecimento é motivo de orgulho para os quilombolas da comunidade do Barranco, os quais receberam da Câmara Municipal de Manaus, mais especificamente a Associação Crioulas do Quilombo de São Benedito, uma placa referente ao dia da abolição da escravidão no Brasil, destacando as lutas pela liberdade e resistências contra o regime escravocrata (ROSA, 2018).

Em alguns museus é comum encontrar acervos com materiais do período da escravidão, porém quase não é possível encontrar lugar para a cultura material do seu período em liberdade, e quando encontrados são vistos como resultado de um período o qual representavam o exótico como os objetos rituais recolhidos como prova de crime e feitiçaria no início do século XX, não sendo analisados outros contextos, mas isto não é uma regra, pois em alguns museus como o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) agregam coleções de meados do século XX, como as coleções Pierre Verger, Breziat e Guimarães e a coleção Registro Sertanejo do MAE-USP (AMARAL, 2000). As estatuetas que estão no Museu e Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza em Manaus mostram que há muito mais que se pensar sobre essas definições.

impostas por nossa própria acomodação. O objeto desse passado vai se tornar vivo e latente, (...). Bem como poderá se transformar em múltiplas vozes, múltiplas interpretações, enfim outras verdades, se não uma, aí sim se terá um salto científico. (PEDROSA, 2015, p.33).

Destarte as estatuetas do Museu e Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza se constituem numa peculiaridade. As peças expostas chamavam bastante a atenção público, porém, não havia nenhum tipo de informação sobre tais, apontando uma fragilidade que consequentemente gerava certa barreira com o público em geral, que visitavam a exposição.

Foi elaborado um inventário e catalogação das peças, sendo produzida uma 202 ficha de identificação fixada no expositor, introduzindo as pessoas as dimensões que os personagens evocavam. De modo positivo, estabeleceu o desenvolvimento de reflexões sobre a presença negra há alguns séculos no Estado e o cotidiano atual.

O estudo da cultura material através da arqueologia não é limitado pela busca do objeto em si, mas sim daqueles que estão por trás delas, das interpretações que sugestionam e das relações a serem desveladas.

As variadas significações das representações sociais e culturais dos objetos nos dizem muito sobre um passado recente de luta pela valorização da cultura afro-brasileira, pela construção e reivindicação de uma memória negligenciada por diversos setores, os quais

Ressignificando um discurso estático e hermeticamente acondicionado. Assim, esses discursos podem servir de trampolim para se ultrapassar barreiras invisíveis

merecem respeito. Como foi dito várias vezes, essas peças estão presentes em diversos contextos, mas são geralmente associadas aos cultos e religiões de matrizes africanas, os quais os mesmos, sofrem preconceitos por parte da sociedade, devido a vários fatores e falhas, políticas, educacionais entre outros.

Ao questionar qual a sua importância, destacamos que o potencial das estatuetas dos pretos-velhos está justamente na capacidade de apontar várias histórias, estabelecendo um suporte tanto material quanto imaterial, através da sacralização destes objetos, ao cultivar o passado e a ancestralidade afro-brasileira se caracterizando como um fenômeno de identidade.

A legislação atual incentiva a proteção, valorização e gestão compartilhada desses elementos culturais, entretanto a “ressonância” que influenciará em um sentimento de pertença é crucial para que estes artefatos não sejam “cristalizados”, intocáveis sem nenhum tipo de estudo dentro dos museus e outras instituições.

Apenas guardar não significa a preservação destes objetos, o inventário realizado através do projeto de pesquisa, a monografia e este artigo são formas também de preservação, além da organização do acervo e acesso rápido aos dados das estatuetas por funcionários do laboratório e outros pesquisadores que se interessarem por esta temática, mesmo que através de outros olhares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há diversos tipos de usos atribuídos a estes objetos, percebemos que elas não têm um sentido unívoco, pois designam vários tipos de representações e reinterpretações de suas características, tanto materiais, quanto imateriais. Esta pesquisa teve um direcionamento e tomou forma durante a sua construção, mas há diferentes perspectivas que ainda podem ser abordadas, não se constituindo, dessa forma, como uma pesquisa acabada. Uma das propostas era justamente evidenciar a importância dessa cultura material, localizada em uma instituição de guarda de material histórico, etnográfico e arqueológico do Estado do Amazonas.

203

Quando determinados conjuntos de objetos materiais são classificados como “patrimônios culturais”, agem de maneira a nos “inventar”, individualmente e coletivamente, essa característica de invenção, a partir desta classificação se manifesta de diversas formas em todas as sociedades humanas (GONÇALVES, 2007).

É preciso entrever que nas disputas por memória (HALBWACHS, 1990), e também das identidades culturais, o papel da cultura material associado à presença negra e afrodescendente na região norte é única e se constitui de extrema importância na reprodução de uma identidade étnica e de uma imaginário social que luta contra forças retrogradadas e repressoras da sociedade brasileira, a fim de sobreviver na memória

coletiva que enseja uma nova ordem. Os esquemas culturais durante muito tempo foram singularizados e hoje são revistos na busca por uma pluralização que coadunando com os efetivos e demandas da sociedade do presente possam promover o resgate de um passado associado aos símbolos de negritude. E que possam, enfim, destacar a importância da identidade afro-brasileira em muitos aspectos (histórias orais, religião, imaginário e cultura popular) na formação do povo amazônida e brasileiro.

De certo é possível para a arqueologia sempre dispor de uma cultura material que de hermeticamente congelada através de um paradigma passa a se relacionar aos olhos dos outros sob novas perspectivas, já que durante muito tempo esse discurso foi reproduzido no singular e que passa agora a ser repensado, revivido e ressignificado. Os quais possuem uma vida que se esvaem com o passar do tempo, logo destacamos que produzir um estudo que seja difundido e perpetuado sobre as mesmas, é uma das várias maneiras de sua preservação.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, C. Cultura material e a experiência africana no sudeste oitocentista: cachimbos de escravos em imagens, histórias, estilos e listagens. **Topoi**, v. 10, n. 18, jan.-jun. p.39-47, 2009.
- AGOSTINI, C. Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. **Revista de História Regional**, UEPG: Ponta Grossa, v. 3, n. 2, p. 115-137, 1998.
- ALLEN, S. J. O acautelamento do patrimônio arqueológico em solos sagrados. In: Carvalho, M. R. (Org.). **O Patrimônio Cultural dos Templos Afro-Brasileiros**. 1Ed., Salvador: IPHAN/OITI/OAS, p. 95-115, 2011.
- AMARAL, R. A coleção etnográfica de cultura religiosa afro-brasileira do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**, São Paulo, v. 10, 2000.
- AMAZONAS. **Lei Estadual N.º 4.201, de 23 de julho de 2015**. Publicado no Diário Oficial do Estado do Amazonas – DOEM.
- APPADURAI, A. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense. 2008.
- BAUDRILLARD, J. **O Sistema dos Objetos**. 5ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BRASIL. **Constituição Da República Federativa Do Brasil De 1988**. Recuperado em: 08/01/2019 de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.
- BRASIL. **Decreto 3.551, de 4 de agosto de 2000**. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do

Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Recuperado em: 08/01/2019 de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm.

CORRÊA, A. F. A Coleção do Museu de Magia Negra do Rio de Janeiro: O primeiro patrimônio etnográfico do Brasil. In: **MNEME REVISTA DE HUMANIDADES**, v. 07, n. 18, out./nov. de 2005.

DIAS, R. N. **Correntes ancestrais: os pretos-velhos do Rosário**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2011.

DIAS, R. N.; BAIRRÃO, J. F. M. H. Aquém e além do cativo dos conceitos: perspectivas do preto-velho nos estudos afro-brasileiros. **Memorandum**, 20, 145- 176, 2011. Recuperado em: 08/01/2019 de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6629/4203>

GOMES, F. S. Migrações, populações indígenas e etno-genese na América Portuguesa (Amazônia Colonial, s. XVIII). *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, nº 11, 2011. Recuperado em: 08/01/2019 de <https://journals.openedition.org/nuevomundo/60721>

GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Ed. Garamond / IPHAN / DEMU, Coleção Museu, Memória e Cidadania, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice, 1990.

LIMA, A. R. **Patrimônio Cultural Afro-brasileiro: as narrativas produzidas pelo Iphan a partir da ação patrimonial**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012.

LIMA, T. A. Arqueologia Histórica: Algumas Considerações Teóricas. **Clio – Série Arqueológica** [S.I.], v. 5, 1988.

LIMA, T. A.; BRUNO, M. C. O.; FONSECA, M. P. R. da. Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, séc. XIX: Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ. In: **Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material**. São Paulo: USP, Nova Série, nº. 1, 1993.

NOGUEIRA, J. C.; NASCIMENTO, T. T. Patrimônio cultural e cultura afro-brasileira: conflitos e mediações. In: _____ e _____ (Orgs.). **Patrimônio cultural, territórios e identidades**. Florianópolis: Atilénde, 2012.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N. 10, 1993.

PINHEIRO, L. B. S. P. De mocambeiro a cabano: notas sobre a presença negra na Amazônia na primeira metade do século XIX. **Terra das Águas: Revista de Estudos Amazônicos**, Brasília, v. 1, n. 1, 1999.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PONTES, A. B. **Direito ao reconhecimento das terras ocupadas por quilombolas em Manaus**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Amazonas, 2016.

ROSA, V. A. da. **A Comunidade do Barranco de São Benedito em Manaus: processos para o reconhecimento do território quilombola**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Amazonas, 2018.

SAHLINS, M. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SALLES, V. **O Negro no Pará. Sob o Regime Da Escravidão**. 3ª Edição. Belém: Instituto De Artes do Pará, 2005.

SAMPAIO, P. M. **O fim do silêncio – presença negra na Amazônia**. Belém: Editora Açai; CNPq, 2011.

SANTIAGO JÚNIOR, F. C. F. Dos lugares de memória ao patrimônio: emergência de transformação da 'problemática dos lugares'. **Projeto História** (PUCSP), v. 52, p. 245-279, 2015.

SANTIAGO, M. C. “A presença negra em Manaus durante o processo de libertação dos escravos”. In.: MACIEL, E. S. (Org.). **Revista Clio: história em perspectiva**. Ano 1, n.1 – Manaus: Uninorte/Laureate, 2010.

SANTOS, E. C. M. **Preto Velho: as várias faces de um personagem religioso**. 1998. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e

Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, SP, 1998.

SANTOS, T. L. P. Teoria e arqueologia através de eventos: A escola americana e a escola francesa. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas-SP, v. 9 nº 1(11), p. 18-35. 2015.

TOCCHETTO, F. B. **A cultura material do Guaraní missionário como símbolo de identidade étnica**. 1991. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomaz T. (Org.). **Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 7 – 72, 2005.

206

NOTAS

ⁱ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas (PPGICH/UEA). Bacharela em Arqueologia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Licenciada em História pelo Centro Universitário do Norte (UNINORTE). Pesquisadora no grupo de pesquisa do CNPq – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (NIPAAM). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). E-mail: flavia.dof3@gmail.com.

ⁱⁱ Doutora e Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), com área de concentração em Sociedade, Cultura Material e Povoamento. Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas (PPGICH/UEA). Coordenadora do grupo de pesquisa do CNPq – NIPAAM. Arqueóloga responsável pelo Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza, SEC-AM. E-mail: tatixpedrosa@yahoo.com.br.

ⁱⁱⁱ Esse registro é apenas do laboratório de arqueologia da Secretária de Cultura, não existe, portanto, esse nome no IPHAN.

^{iv} A trajetória desta pesquisa foi iniciada no ano de 2015, através do Programa de Apoio à Iniciação Científica

(PAIC), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) entre os anos de 2015 e 2016, resultando no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Do terreiro à sala de estar: Um estudo arqueológico da cultura material de pretos-velhos do Museu e Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza*, defendido no ano de 2017, para obtenção do título de bacharela em Arqueologia pela Universidade do Estado do Amazonas, no qual este artigo é um recorte deste estudo, acrescido de novas considerações.

^v Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus, tendo como parâmetros o saneamento, habitação, infraestrutura, recuperação ambiental das bacias dos igarapés, recuperação ou implantação de sistemas de drenagem, entre outros.

^{vi} Essas informações foram obtidas através de entrevista com a arqueóloga responsável na época pelo Museu e Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza, que recebeu as peças e redigiu um relatório com base nas informações das pessoas que realizaram o resgate do material, infelizmente esse relatório não foi encontrado.

Recebido em: 09/01/2020.

Aprovado em: 29/01/2020.

Publicado em: 31/01/2020.